

Diversão & Arte

Arquivo Pessoal



Quatro perguntas/

Por que narrar o livro minuto a minuto, como numa partida de futebol?

O formato é muito calcado na narração da rádio. Quis fazer uma homenagem. A tentativa, no começo era disso, de tentar fazer tudo acontecer em 90 minutos, passar a sensação. Porque em matéria de literatura, o acontecimento e o tempo que passa é um segredo que ninguém alcança.

O tempo é uma ficção?

Sim, talvez a maior delas. Cada capítulo começa com a marcação do tempo, aí a ficção do tempo que entrou. Tem uma agonia muito grande que é: o tempo está se acabando para todos os mortais e, em especial, para o goleiro. É fim de carreira, de amor, de tudo.

Demorou para você escrever um romance sobre futebol. Por quê?

Eu acho que fui engolido por essa coisa que tento combater, que é o futebol ter tão pouca ficção, ter poucos filmes, render pouco na matéria das artes em geral. Esse livro é o começo de uma resposta. Devemos ter mais ficção. Uma coisa que encobre o Brasil inteiro. Mas começamos com livros importantes. *O dribble*, de Sérgio Rodrigues, dos recentes, é o mais emblemático, abriu as portas para que a gente fosse trabalhando nesse campo. Tem outro, *A cobrança*, de Mario Rodrigues, ganhou o prêmio Sesc de literatura. O livro novo do Mario Prata, *Drible da vaca*. Acabei cedendo a essa tradição de não explorar muito na ficção, mas essa experiência me deixou quase numa obrigação particular de fazer novas coisas nessa área. Agora, não quero mais parar.

Por que é difícil ter romances sobre futebol?

Por causa de um bocado de lenda que a gente foi acreditando e foi sendo engolido. Uma delas é que futebol e literatura não vende. Isso é mortal no mundo de mercado em que a gente vive. Quem quebrou essa lenda foi Nick Hornby, com *A febre de bola*. Foi até um certo conforto saber que não era só uma história dos editores no Brasil. Acho que isso contou muito ao longo do tempo. E o fato de haver um certo domínio, de o futebol já ser uma grande linguagem que vai do boteco à discussão em casa, quase uma arte à parte, talvez por isso a gente tenha essa dificuldade de usá-lo na literatura e no cinema. Tudo são especulações.

Herói

Nova ficção de Xico Sá narra a vida de um goleiro durante uma partida de futebol. Figura do jogador que defende a trave sempre foi uma obsessão para o escritor

solitário

» NAHIMA MACIEL

Demorou para Xico Sá trazer o futebol para a ficção. Crônicas, ele havia escrito e publicado em um livro, mas romance, o escritor acredita que nunca fez porque sucumbiu à "lenda" de que "futebol não vende livro". Tudo mudou quando descobriu que o francês Albert Camus, autor de *A peste*, foi goleiro, Xico ficou sem saída. A falta acaba de sair do prelo com a história de Yuri Cantagalo durante uma partida de despedida do campo e de um amor perdido, personificação do encantamento obsessivo de Xico Sá com a figura do camisa 1, o herói solitário encarregado de barrar a bola. "Foi uma tabelinha de uma obsessão antiga de observação do goleiro com Camus: quando bateu os dois, não tinha mais saída, tinha que escrever", garante o autor.

Narrado em ritmo acelerado, em primeira pessoa, com capítulos curtos, cada um dedicado a um dos 90 minutos de um jogo de futebol, *A falta* repassa a vida de Yuri Cantagalo durante uma última partida de futebol. Ali, enquanto se despede do campo, o goleiro conta episódios marcantes de sua trajetória. O pai

desconhecido, o abandono da namorada espanhola, jogos memoráveis, as passagens por vários times e o abuso sexual por parte de técnicos de equipes juvenis dividem espaço com a angústia de uma partida insossa, marcada por um zero a zero difícil e de desmontar. "Eu tinha uma obsessão com a história do goleiro", avisa Xico. "Esse personagem solitário, jogando de preto, o único com outras regras no campo, pode pegar na bola com a mão. Aquela solidão, aquela angústia do goleiro sempre em alerta. Era uma obsessão antiga trazer o tema do futebol, que amo muito, para campo de outro amor, que é a literatura."

Pequeno, pendurado na rede em Santana do Cariri, Xico Sá ficava pasmo com a capacidade narrativa dos locutores de jogos de futebol. "Narrador de rádio, de certa forma, é um grande ficcionista. Sempre me impressionei de estar assistindo ao jogo sem ver a imagem, a forma como esses caras narram, a bola que passa longe e você fica morrendo do coração", lembra. A falta é também uma homenagem a essas figuras no personagem de Dáblío Dáblío e de Vera Dubeux, na qual

o autor mistura duas colegas do início da profissão: a jornalista Vera Ogando e Ana Dubeux, diretora de redação do *Correio Brasileiro*. "Foram as duas mulheres que primeiro testemunhei na vida cobrindo futebol, com entrevista ali, dentro do campo, pra valer. Trabalhamos juntos num tablóide esportivo, no Recife, e era uma grande novidade na época e motivo de muita admiração aquele pioneirismo", lembra o escritor.

Apesar de ser ficção, o livro carrega muito das memórias e tem uma pitada de autobiografia, uma combinação inevitável para quem escreve romances, segundo Xico Sá. O fascínio pelo futebol nunca havia sido transportado para a literatura até então porque o autor acreditava na tal "maldição" de que o esporte não vende livro. Ele agradece a Sérgio Rodrigues por ter quebrado o encanto no Brasil com *O dribble* e a Nick Hornby por ter vendido milhões de exemplares de *Febre de bola*. O futebol rende romance porque no campo manda o drama. "Ali tem um romance a cada jogo. O Nelson Rodrigues dizia que, mesmo numa pelada de rua, há uma complexidade

shakespeariana, com o vilão, o cara que levou o frango, condenado pela torcida e uma galeria de personagens. Faz chorar, tem um drama muito pesado. É literatura em estado bruto", acredita.

Referências de romancistas brasileiros que se aventuraram pelo futebol, há poucas. Xico lembra de José Lins do Rego com *Água-mãe*, no qual o protagonista é apaixonado por futebol, mas também de críticos do esporte como Lima Barreto, que se enfezava com a origem elitizada do esporte, e Graciliano Ramos, que achava esse lance de bola um estrangeirismo bobo, coisa de inglês. Hoje, se fosse escrever contra o futebol, Xico Sá não teria problemas em escolher um aspecto ruim do esporte. "Basta pegar a forma como foi elitizado o público dos estádios. Não tem mais a massa, a torcida operária dos clubes não está mais em campo. Está o torcedor, com sua carteirinha. O trabalhador não pode mais ir para essas arenas", lamenta.

A FALTA
De Xico Sá. Tusquets, 160 páginas. R\$ 47,90